

259
2826
282
SERMÃO
DA CANONIZAÇÃO
DE
S. JOÃO DA CRUZ,
PREGADO

Na Igreja das Religiosas de Santa Teresa de Carnide em 12.
de Setembro de 1727.

POR D. JOSEPH BARBOSA,
CLERIGO REGULAR; CRONISTA DA REAL CASA
de Bragança, e Examinador das tres Ordens Militares.

OFFERECIDO
AO ILLUSTRISSIMO SENHOR
D. MANOEL CAETANO
DE SOUSA,

CLERIGO REGULAR, DO CONSELHO DE
S. Magestade, Pro-Commisario Geral Apostolico da Bulla da
Santa Cruzada nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, &c.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
M. DCC. XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

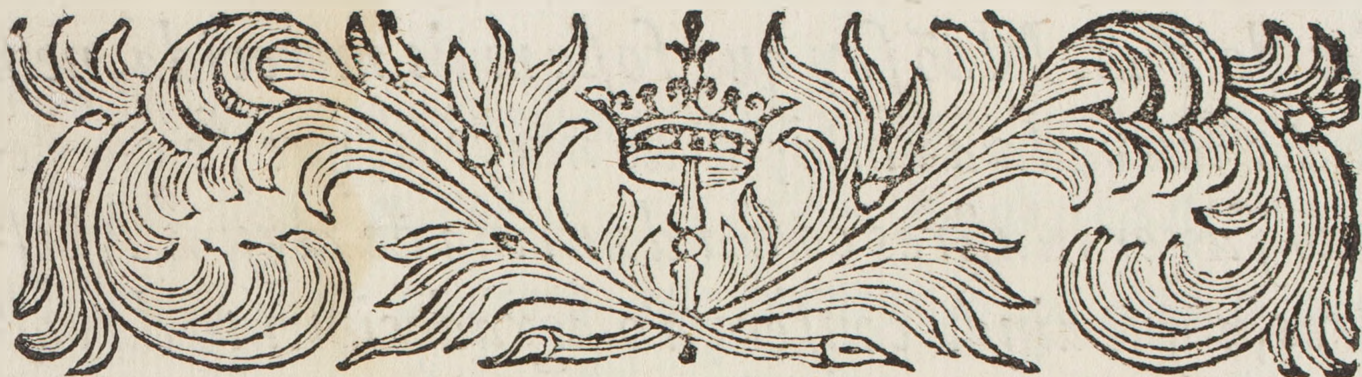
ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.

ESTERNA
DA CARO N. L. A. O.



AO ILLUSTRÍSSIMO SENHOR
D. MANOEL CAETANO
DE SOUSA,

CLERIGO REGULAR, DO CONSELHO DE SUA
Majestade, Pro-Commissario Gèral Apostolico da Bulla
da Santa Cruzada nestes Reynos, e Senhorios
de Portugal,&c.

D. JOSEPH BARBOSA CLERIGO REGULAR
D. P. F.

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR,

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



*Como a Mestre, e como a Oráculo offe-
reço a V.S. este Sermaõ. Como a Mes-
tre, porque a mayor honra, que tenho he ter a fe-
licidade de poder entrar em o numero aos discipu-
los*

A ij

los de V. S. Não sey que fosse mais merecida, nem mais louvada a ambição de muytos, que se quizerão fazer illustres com a doutrina de alguns Mestres, a que ainda conserva o agradecimento da posteridade a fama das suas letras. Mas não bastou todo o Magisterio de V. S. para minha utilidade, porque negou a natureza, o que pedia a razão. Fui eu a infamia da doutrina de V. S. pois não produzio em mim aquelles effeytos, que lhe eraõ devidos. Não tem os homens jurisdição para fazerem homens de pedras, porque os milagres fazem-se, não se aprendem. V. S. desculpará como Mestre os erros de tão mão discipulo, que só tomou a lição de os saber conhecer, que não he pequena fortuna em tão grande desgraça. Como a Oraculo offereço a V. S. este Sermaõ, porque he justo que o dedique, a quem a tudo responde. Não ha materia das que são dignas de hum Ecclesiastico doutissimo, de que V. S. não tenha tão largas noticias, que não pareça qualquer dellas a unica, que estudou, de maneyra que he em cada huma como em todas, e em todas como em cada huma, podendo-se dizer com muyta razão de V. S. o que disse Santo Agostinho de S.

Fero-

Jeronymo, que ninguem sabia, o que elle ignorava.
 Perdoe neste particular a grãde modestia de V. S.
 porque este he o juizo, que formaraõ, os que o ou-
 viraõ. Ainda hoje esta viva na melhor parte de
 Italia a fama da grande erudiçaõ de V. S. aonde
 sem estudo novo era hum Oraculo animado pelas
 doutissimas repostas, que dava em todas as mate-
 rias, em que o consultavaõ, honrando deste modo
 a Pessoa, a Religiaõ, e a Patria. A bũa casualida-
 de devemos esta gloria, porque bem acaso passou
 V. S. a Roma, aonde chegou em 23. de Janeyro
 de 1710. e no espaço de quatro annos descobrio
 os thesouros de huma sciencia taõ profunda, que
 parecia adquirida no dilatado tempo de muytos se-
 culos, e de sorte foy admirada, que os Arcades,
 Academicos celebrados daquella Curia, o nomearaõ
 seu Socio com o nome de Telamo. Succedeo a V. S.
 o que ao grande P. Fr. Francisco de Macedo em
 Londres, aonde imaginando os Inglezes, que não
 havia em Portugal quem soubesse com perfeysaõ
 a lingua Latina, elle os deyxou taõ confusos, que
 confessáraõ admirados o seu engano. Para este fim
 concorreraõ em V. S. muytos dotes da natureza,

grande memoria, grande comprehensão, e grande prontidão. Concorreo a copiosissima Livraria, que juntou com muyta despesa, e não menor curiosidade, competindo nella o numero, e a qualidade, sem que se possa saber de qual das duas partes seja o excessso. Direy agora o que algumas vezes vi fazer a V. S. para prova do seu conhecimento de livros, e he que com os olhos fechados os conhecia facilmente, e sem equivocação pelo tacto. O certo he que excediaõ os volumes do seu uso o numero de sete mil, sendo de hum particular, o que em muytas Religioens não he do commum, e que em huma só occasião deo V. S. dous mil volumes para a Livraria da Cõmunidade, cuja generosa acção celebrou o P. D. Rafael Bluteau com este elegante Epigramma, que se conserva na mesma Livraria, em que elle o poz,

Multa licèt dederis, vir docte, volumina docta;
Pleno doctrinis pectore plura tenes.

Deo guarde a V. S. muytos annos como desejo.

Lucer-

fat
nal
car
a si
im
te l
fac
ato
que
de
no.
do
do
inv
nip
de
for
gra
ten



Lucernæ ardentes. S. Lucas no Cap. 12.

S E N H O R.



E que maravilhas tem sido os montes elevadas testemunhas ! No principio do mundo os formou a mão do Omnipotente como gigantes da natureza , para que a grandeza do theatro correspondesse à grandeza das acçoens. Para gloria da sua justiça satisfeyta já com o naufragio de todo o mundo racional elegeo os montes de Armenia, para que nelle descansasse a Arca de Noè triunfante do diluvio. Para dar a si, e ao mundo a satisfação, que desejava à amorosa impaciencia de padecer pelos homens, elegeo o monte Moria, para fazer illustre a Abrahão com o intentado sacrificio de seu unigenito Isaac. Para mostrar que só o atormentava o não ter ainda chegado aquelle tempo, em que vivesse homem com os homens, elegeo os montes de Bethel, aonde lutou com Jacob na figura de humano. Para gloria do seu amor compadecido da escravidão do povo de Israel elegeo o monte Oreb, aonde coroado de innocentes chammas deo a Moysés a portentosa investidura da sua Divindade, mandando-o por seu Plenipotenciario ao barbaro Principe do Egypto ; e depois de conseguida a liberdade do cativeyro, foy este monte formidavel trono, em que deo àquelle monstro da ingratitude os sagrados documentos, com que devia de temer, e respeytar a sua Divina Magestade. Para dar

A iiij

hum

hum irrefragavel documento de como sabe premiar os benemeritos da sua gloria, elegeo o monte Nebo, aonde por seu mandado espirou Moysés na suavidade feliz da sua paz, digno premio das illustres acçoens, de que foy instrumento. Para se ver o como confunde aos valerosos, elegeo o monte Efraim, aonde assistia aquella heroica Debbora, que sentada debayxo da triumphal sombra de hum palmeira, era matrona de tão altos, e de tão generosos espiritos, que governou o povo de Israel com valor igual ao dos mais intrepidos Capitaens. Para entrar no mundo feyto homem, elegeo o monte Faran, monte, em que, desterradas as luzes, só reynavaõ as sombras, e as trevas, porque tambem o Verbo, dissimulado, e occultos os resplandores da Divindade, appareceo cuberto, e disfarçado com as sombras da natureza humana. Para vir ao mundo tomou a gloria do monte Libano, que só pela sua candidissima pureza podia ser imagem sua, e só pela sua elevada eminencia podia ser hum verdadeyro retrato da sua grandeza. Para instruir aos homens na Ley, que lhes vinha prègar, elegeo para cadeyras os montes, em que orava; para deyxar o ultimo excessõ das suas finezas na instituiçãõ daquelle augustissimo Sacramento elegeo o monte Sion; para morrer o monte Calvario, e o monte Olivete para subir ao Ceo. Grande magestade a dos montes pelas grandes maravilhas, que nelles se viraõ executadas! Mas eu creyo, que a gloria, com que vemos coroado neste dia o monte Carmelo, não só não cede à gloria de alguns destes tão illustres, e tão famosos montes, mas ainda parece que he mayor. Sobre a veneravel ancianidade do monte Carmelo vemos hoje elevado à gloria da Canonização a João da Cruz, portentoso filho do grande Elias pela obervancia do seu antigo Instituto, e filho primogenito da grande Teresa pelo reformado esplendor dessa mesma Familia; e são de tal modo intensas as luzes desta honra

monra justamente merecida pelas admiraveis virtudes deste Herde da santidade, que deysaõ como vencidas, e aflombradas as grandezas de muytos daquelles montes. Não se vê hoje no Carmelo a Arca vencedora do diluvio, mas ve-se descancando gloriosamente João, que foy a Arca, em que depositou Deos a benigna affluencia dos seus favores. Não se vê hoje no Carmelo a abraçada apparencia do Oreb, nem o resplandecente anfitheatro de chãmas, nem o temeroso estrondo dos trovões, com que foy promulgada a Ley do Senhor, mas esta-se vendo premiado o amor de João, e o ardente zelo, com que fez observar os Estatutos da sua santissima Reforma. Não se vê hoje no Carmelo admirada a natureza por hum não visto sacrificio, mas ve-se João perpetuamente sacrificado, e perpetuamente vencedor das suas payxoens. Não se vê hoje o Carmelo feyto campo de batalha, mas ve-se João eternamente coroado no Capitolio da Bemaventurança. Não se vê hoje o Carmelo deposito de humas cinzas merecedoras de todo o respeito, mas ve-se elevado João à publica veneração de todo o mundo, como Santo. Não se vê hoje o Carmelo feyto trono, aonde se julga, mas ve-se julgado João pelo melhor filho da mais illustre Mãe, qual foy Teresa. Não se vê hoje o Carmelo cheyo de sombras, ou naturais, ou mysteriosas, mas ve-se cercado João de tão gloriosos resplandores, que durarão sem o susto de padecerem occaso. Não, nenhuma daquellas illustres acçoens, com que os outros montes se fizeraõ venerados, pôde hoje apparecer à vista do Carmelo, porque a todos elles os excede, como profetizou Isaias na interpretação melliflua de Bernardo, quando disse, que se veria hum monte tão altamente sublime, e magestoso, que se nos outros montes o fundamento da sua incomparavel grandeza: *Erit præparatus mons in vertice montium*, porque se ^{Isai. 2.} em hum daquelles montes se retratava a paz: *Quia ibi* ^{2.}

mons

Bern. *mons pacis*, em outros a alegria, *mons gaudii*, em alguns
 Serm. a vida, *mons vitæ*, e em muytos a gloria, *mons gloriæ*,
 Quis *ascēdet* sobre todos estes montes podemos dizer que se levanta
in mon- magestosamente o Carmelo, porque nelle se está vendo
tem Do- o retrato da mais consummada felicidade, qual he a da
mini. Canonização de S. João da Cruz: *Et hi omnes montes,*
unus mons consummatæ felicitatis. Sim, mas quem he, que
 deo ao monte Carmelo tanta grandeza, e tanta magestade?
 Quem lhe deo o principado de todos os montes? Quem lhe
 cingio a coroa de todas as montanhas? São João da Cruz
 canonizado. Declarar o Pontifice a todo o mundo que as
 virtudes de S. João da Cruz foraõ taõ heroicas, que mereceraõ
 o premio da Canonização, he o que conciliou toda esta gloria
 ao monte Carmelo, em que o grande Elias instituhio a Religião,
 que elle primeyro professou mitigada, e que depois santamente
 inspirado soube reformar com inauditas victorias. Elevado
 S. João da Cruz à gloria da Canonização he que faz admiravel
 ao monte Carmelo, porque se está vendo illustrado com
 relplandores novos. E quem he, que deo ao Carmelo estas luzes?
 Tudo, o que imita, tem seu exemplar. A Igreja Militante he
 retrato da Igreja Triunfante. As Jerarquias do mundo são
 copias das Jerarquias, que sabemos do Ceo. Os homens são
 imagens de Deos, porque foraõ feytos à sua imagem, e
 semelhança. Pois se vemos ao monte Carmelo taõ exaltado,
 e luminoso, de quem recebe, e a quem imita esta grandeza,
 e estas luzes? Do monte Thabor, aonde Christo para doutrina
 de sua amada esposa, a Igreja Catholica, deo na sua Divina
 Pessoa entre as glorias da Transfiguração o exemplar de
 como se haviaõ de ver gloriofos os seus servos com a
 gloria da Canonização. Hum, e outro monte, o Thabor, e o
 Carmelo, estão relplandecendo com as luzes de ambas as
 Canonizaçoens de Christo, e de João:
 1. Mac. 6. 39. *Resplenduerunt montes ab eis.* O Thabor he o original,
 o Car-

o Carmelo he copia ; Christo he o imitado , João he o imitador ; João foy semelhante ao Verbo feyto homem, e canonizado no monte Thabor , porque da sua Transfiguração se tomou o exemplar da Canonização deste Anjo homem, porque as principaes circumstancias daquelle mysterio se virão venturosamente praticadas para beneficio de João. Até no Evangelho vejo as luzes, e os servos , que esperão a vinda do Senhor, preparados com obras santas , e virtuosas : *Lucernæ ardentes , expectantibus Dominum suum*. Pois para o dia , em que se celebra a Canonização do melhor filho do Carmelo pelo grão heroico , com que soube praticar todas as virtudes , lerà o assumpto do seu Panegyrico mostrar como as luzes , com que hoje resplandece o monte Carmelo pela Canonização de S. João da Cruz , são recebidas das sagradas luzes do Thabor , em que Christo se quiz dar a ver como canonizado : *Lucernæ ardentes*. Para que possa discorrer, imploremos a graça por intercessão da Senhora , que pelos grandes beneficios , que fez ao nosso Santo , parece sua mãy , e protectora.

Ave Maria.

TEmos hoje o monte Carmelo recebendo dos resplandores do monte Thabor nova luz , e nova magestade. Determinou Christo dar na sagrada eminencia deste monte hum exemplar, e huma idéa da presente Canonização de seu grande , e admiravel servo S. João da Cruz , porque foraõ tão heroicas as suas virtudes , que só podiaõ ter a semelhança na Pessoa de Christo. Veyo o Verbo ao mundo para fundar sobre as correntes do seu sangue a estabilidade da sua Igreja, e de todas a grandezas, com que ella se illustra , foy elle o divino Author. Adornou-a com os sete Sacramentos, que são as infalliveis bazes da nossa Religião. Ensinou aos homens, que deviaõ viver em sociedade santa , formando o Collegio dos

dos seus doze Apostolos ; que deviaõ de orar, como elle o fazia na eminencia dos montes , para que o retiro , e a solidão fizessem mais pura, e mais preciosa a contemplaçãõ do Ceo. Aos Mestres , que haviaõ de ensinar aos rudes , e aos ignorantes ; que em todos os estados podiaõ ser Santos ; que se deviaõ de sofrer com resignada paciencia as adversidades do mundo ; que não havia injuria, que não passasse a favor com o sofrimento, e que se havia derramar o sangue , e sacrificar a vida em obsequio da Ley , porque tudo havia de servir de merecimento para reynarem eternamente na Patria.

Todos estes documentos confirmou Christo com o seu exemplo , para que não dissesse o mundo nunca satisfeyto , e sempre maliciosamente escrupuloso que faltara a pratica à sua doutrina. Era necessario que vissem os homens, qual era a demonstraçãõ do premio, com que Deos havia de coroar aos que dessem inteysa satisfacção aos seus preceytos , porque animados desta sorte se resolveriaõ a romper por todas as difficuldades pelo interesse da coroa. Não quiz o divino Legislador, que allegassem desculpa os descuydados, e querendo mostrar ao mundo, qual era o premio das virtudes heroicamente praticadas , foy ao monte Thabor com os seus Discipulos Pedro , Diogo , e Joãõ , que merecêraõ ser nomeados entre todos para testemunhas daquella grande maravilha: *Assumit Petrum , & Jacobum , & Joannem*. Chegou Christo à parte mais alta daquelle monte, e nelle se transfigurou de sorte , que o rosto se lhe fez tão resplandecente como o Sol : *Resplenduit facies ejus sicut Sol*. E as vestiduras pareceraõ tecidas com a pureza da neve: *Vestimen autem ejus facta sunt alba sicut nix*. Para verem este prodigio subio Moyses do Limbo dos Padres, e veyo Elias daquelle lugar, em que a Omnipotencia o conserva vivo para animoso defensor da sua gloria: *Et ecce apparuerunt eis Moyses , & Elias cum eo loquentes*.
Em

Matth.
17. 1.

quanto fallavaõ do piedoso excesso, que Christo havia de consummar nas affrontas do Calvario, bayxou hum nuvem luminosa: *Nubes lucida obumbravit eos*, que tudo deyxou envolto em sombras semelhantes, e della sahio a voz do Eterno Pay, que claramente affirmou que Christo era seu Filho: *Et ecce vox de nube dicens, hic est filius meus dilectus*: voz, que encheo de tal respeyto aos Discipulos, que cahiraõ por terra como atemorizados, e destalecidos: *Ceciderunt in terram*. Animou-os o Senhor, para que não temessem; e restituídos a si com as palavras do Redemptor, dix o Texto, que não viraõ a Elias, nem a Moyses, senão sómente a Christo: *Neminem viderunt, nisi solum Jesum*.

Este foy o mysterio da Transfiguração, em que Christo deo à sua Igreja a fórma, com que havia de canonizar os seus servos, porque alli houve testemunhas, que confirmaraõ a santidade de Christo, e houve a voz do Eterno Pay, que canonizou a seu Filho. Este he o exemplar, com que hoje se vê exaltado o Carmelo na Canonização de seu grande filho S. João da Cruz, porque se a Canonização he hum publico testemunho, que dà a Igreja, da sua santidade, decretandolhe as honras, e as veneraçoes, que são devidas aos que já estão premiados pelas suas virtudes, esse he o testemunho, que da santidade de Christo deo o Eterno Pay nos resplandores do Thabor. Não podem subir a esta grandeza, senão aquellos bons servos, que em todas as vigílias esperaraõ cuyadadamente a seu Senhor, e se esse he o merecimento para a Canonização, quem a mereceo melhor, do que o vigilantissimo servo João da Cruz? Naceo para Santo, porque não teve instante, em que não merecesse a eternidade da vida, de sorte que no dia, em que celebrou a primeyra Missa, quando ainda observava o rigor mitigado do Carmelo, ao tempo, em que acabou de consagrar a Hostia, considerando que tinha nas suas mãos o

Author

Author da graça, lhe pedio mentalmente, que o fizesse tão puro, que nunca delle se podesse apartar com a menor sombra de culpa. Concedeu-lhe a divina bondade, o que lhe pedia, por huma illustração interior, que envolta em resplandores lhe deu a entender que o confirmava na graça. Grande favor, pois já vejo a João tão cheyo de graça, que me atrevo a dizer, que não podia peccar. Isto diz a confirmação na graça, porque ficou João tão altamente favorecido, e corroborado, que havia de ser Santo, e não peccador.

Psalm. 72. *Tenuisti manum dexteram meam, & in voluntate tua deduxisti me, & cum gloria suscepisti me.* Vós, Senhor,

diz David, sustentastes as minhas acções representadas na mão, como explica Hugo, para que as dirigisse sempre pelos dictames da vossa vontade, dando satisfação aos vossos preceytos, e conselhos, e adiantandome todos os dias de bem em melhor: *Secundum voluntatem tuam deduxisti me de bono in melius in præceptis, & consiliis tuis.* E que resultou deste admiravel beneficio? Ficar

Hugo hic.

De Interpelat. lib. 3. c. 11.

tão confirmado na graça, que, como diz Santo Ambrosio, já não podia peccar, porque vencedor das payxões da natureza já descansava seguro no porto da fé: *Ut jam peccare non possim, fidei jam possim statione consistere.* Ficou seguro João para nunca peccar, mas para sempre se adiantar nos excessos do amor divino, que são os effeitos da graça. Não podia deyxar de merecer tão especial privilegio, tendo nas suas mãos aquelle Pão sacramentado, que, como cantou agradecido o mesmo Profeta, he o que confirma na graça o coração humano: *Panis corporis confirmet, panis,* diz Hugo, *Corporis Christi,* porque de tal modo infunde a graça, que obriga os homens a fugirem do mal, e a seguirem o bem: *Ad malum vitandum, & bonum faciendum.* Não duvido que em todo o tempo fosse João benemerito de tão raro beneficio; mas aquella occasião era mais propria para o merecer, porque

Hugo hic.

po. que da sua parte o fervor era tão excessivo; que era de Santo, e da parte de Christo era mais natural a liberalidade, porque aquelle Sacramento he o thesouro da graça. Mas reparo que diga David, que a consequencia desta confirmação na graça seja o vemos elevado o nosso Santo à gloria da Canonização: *Et cum gloria suscepisti me*, ou como lê S. Jeronymo: *Et postea in gloria suscipies me*. Sim, porque depois de concedido hum favor tão poucas vezes admirado, não se podia seguir, senão ver-se canonizado João, porque esta confirmação na graça não só he effeyto daquelle Sacramento augusto, em que se deo a João o penhor da futura gloria: *Futurae gloriae pignus datur*, mas tambem foy effeyto da graça perficiente, e consummante, da qual, como entende Hugo, fallou S. Lucas, quando disse que se lhe dará a gloria em companhia dos que estão sentados: *Tunc erit tibi gloria coram simul discumbentibus*, nas quaes palavras considera o Areopagita a gloria da Canonização, explicando o Texto do Evangelho, que agora se cantou: *Faciet illos discumbere*. E se Cassiodoro escreveo que se concedera esta impeccabilidade á natureza humana assumpta pelo Verbo, tambem era necessario que a mesma impeccabilidade tivesse João para que o Canonizado do Carmelo fosse semelhante ao Canonizado do Thabor, e para que as luzes de hum monte fossem parecidas às luzes de outro monte: *Lucernae ardentes*.

Sobem os Santos à gloria da Canonização, porque imitam a Christo, seu divino exemplar, em todas as acções da sua vida. São differentes os caminhos, por onde sobem, mas he hum só o termo de todos. Apareceo Christo transfigurado no Thabor, e se perguntarmos o fim da sua Transfiguração, acharemos, que esta imagem da Canonização não teve outro motivo, senão mostrarmos o muyto, que padeceo. Expressamente o Texto. Nos colloquios de Christo com Moysés, e Elias só se fallava

Apud
Lor.
hic.

Hug.
ibid.
Luc.
14. 10.

Epist.
9. ad
Titum.

Apud
Lor.
ibidem.

Luc. 9.
31.

fallava nos tormentos, e nos desprezos, que a sua humanidade havia de padecer no martyrio da Cruz consummado em Jerusaleem: *Dicebant excessum eius, quem completurus erat in Jerusaleem*; e se Christo pelas dores, e pelos desprezos se elevou à gloria de canonizado, não layaes do Thabor, mas pondo os olhos no Carmelo, vede, se a mereceo de justiça o penitente, e mortificado João! Quando entrou na Religião, deyxado o appellido de Yepes, que era o da sua familia, se chamou de S. Mathias, como declarando a venturosa sorte, que lhe cahira, de se ver Religioso; mas passando depois para a Reforma ideada por aquelle prodigioso espirito de Tereza, tomou o sobrenome da Cruz, como quem só delejava padecer martyrios, e desprezos em obsequio do Reformador de todo o mundo.

Este foy o mais nobre cuydado de João, estas as delicias daquella grande alma, padecer, e ser desprezado por Christo. Isto foy, o que procurou em todo o espaço da sua vida com tão sagrada ambição, que perguntandolhe Christo, qual era o premio, que pretendia pelos seus trabalhos, e pelo muyto, que tinha padecido pelo seu amor, lhe respondeo João, que não queria mais premio, que padecer, e ser desprezado por elle, para desempenhar deste modo a furiosa tempestade de tormentos, que symbolizava o seu appellido da Cruz: *Pati, & contemni pro te*. Incomparavel homem foy João, pois pedindo premio os Apostolos pelo que haviaõ deyxado:

Matth. *Quid ergo erit nobis?* de tal sorte se distinguio de todos.
19. 27. o nosso Santo, que lhe perguntou Christo, qual era o premio, que queria. Mas elle, que pelos tormentos se dispunha para a gloria da Canonização, não quiz mais premio, que a causa do mesmo premio, que todo consistia em padecer, e ser desprezado por Christo: *Pati, & contemni pro te*. E quem houve, que estimasse de tal modo as penas, e os trabalhos, que os antepozesse à luavidade;

dade, e ao descanso da gloria? Quem houve, que quizesse antes padecer neste mundo, que descansar no Paraíso? S. João da Cruz, porque para a grandeza do seu animo melhor era o padecer, do que o reynar.

Louva S. Paulo a fé dos antigos Patriarcas, e fallando de Moysés, diz que chegando, à idade de homem, negara com toda a resolução, que era filho da filha de Faraó, que compadecida dos seus trabalhos lhe fez o beneficio da adopção, de que havia de ser consequencia cingir a coroa do Reyno do Egypto: *Moyfes grandis*

factus negavit se esse filium filie Pharaonis. E quanto melhor seria que aceytasse Moysés a herança da coroa, porque, empunhado o cetro, ficaria facil, e segura a liberdade do povo, vendo delpedaçadas as cadeas do seu antigo cativello pelo favor de hum Principe amigo? Porém não, responde o Apostolo, porque Moysés considerou de huma parte as delicias, que se lhe offerecia com o trono, e de outra os trabalhos, que o esperava na companhia do povo, e antes quiz os trabalhos, do que as delicias: *Magis eligens affligi cum populo Dei,* porque no seu juizo mais pezava o padecer as affrontas, que profeticamente via padecidas por Christo, do que ser senhor de hum grande Estado, e de hum grande thesouro, como quem reparava, que estes tormentos havia de ser eternamente premiados: *Maiores divitias astimans thesauro Aegyptiorum improprium Christi, aspiciebat*

Hebr.

11. 25.

in in remuneratorem. Por estes trabalhos, e por estas molestias tão amorosamente toleradas, entendo eu, que disse o Ecclesiastico, que mostrara Deos a Moysés a sua gloria: *Et ostendit illi gloriam suam,* porque certamente quem a tudo antepunha o padecer, não se lhe devia dar outro premio, senão o da Canonização representado na gloria: *Ostendit illi gloriam suam, magis eligens affligi cum populo Dei.*

Eccles.

45. 3.

Exod.
3. 5.

Eccles.
45. 1.

Eccles.
45. 2.

Quem não dirá, que se está vendo retratado Moysès em S. João da Cruz? Foy Moysès tirado da agua pela providencia de Termuth filha de Faraõ, e tres vezes foy livre João de perigos evidentes de agua pela piedade de Maria Santissima. Para seguir Moysès mais estreita, e mais rigorosamente a Deos se descalçou: *Solve calceamentum de pedibus tuis*, e João para observar mais perfeitamente a primitiva Regra do Carmelo deyxou o calçado. Podemos dizer, que foy Moysès o Reformador da sua gente para melhor conseguir a felicidade da Bemaventurança, e João arrebatado de hum zelo verdadeiramente heroico reduzio, e reformou à mais rigida observancia o Carmelo antigo, que opprimido com o pezo de tantos seculos já parece que caducava. Foy Moysès o amado de Deos, e dos homens: *Dilectus Deo, & hominibus*, e João foy de sorte amado de Deos, que foy hum dos seus servos, a quem mais portentosamente favoreceo, e tão amado dos homens pela maravilhosa frequencia dos seus milagres, que obrigou a duas Cidades tão illustres de Hespanha, como foraõ Ubeda, e Segovia, a contenderem sobre a posse das suas sagradas reliquias. Para Deos fazer grande a Moysès lhe deo a semelhança gloriola de todos os Santos: *Similem illum fecit in gloria Sanctorum*; porèm João participou de sorte este beneficio, que elle só valeo por todos os Santos. Foraõ huns poderosos contra o inimigo commum, alcançando delle repetidas victorias; foraõ outros admiraveis por obediencia, que lhe tiveraõ os elementos, e os brutos; mereceraõ huns o dom da profecia, e a constancia nos trabalhos; alcançaraõ outros o dom da oração, e a graça de fazer milagres; e houve muytos, que foraõ insignes na abstinencia, e nos penitentes excessos, com que castigaraõ os corpos, logeytando-os à obediencia severa do espirito. Porèm João sendo semelhante a todos nestas

tas maravilhas: *Similem illum fecit in gloria Sanctorum*, excedeo a todos, porque elle só foy dotado do que se deo aos mais. Foy tão poderoso contra o demonio, que todas as vezes, que combateo com elle, o deyxou vencido, como se vio, quando o intentou tragar na temerosa figura de hum balea, quando o pertendeo precipitar em hum poço, quando lhe quiz tirar a vida com hum laço, quando o obrigou a que restituísse dous escritos, que se lhe haviaõ feyto com o proprio sangue dos infelices, e quando finalmente salvou a muytos, que gemiaõ tyrannizados pelo seu poder: *Magnificavit eum in timore inimicorum*. Obedeceraõlhe os elementos, e os brutos, não tendo actividade contra o respeyto da sua pessoa, como se vio com admiração, quando lerenou por quatro vezes horriveis tempestades, humas com o aceno da sua mão, outras com o imperio da sua voz, quando passou o Guadiana soberbo, e caudaloso, sem que o tocasse a agua, e quando converteo em suavidade a furia de hum temido animal: *Et in verbis suis monstrata placavit*. Teve dom de profecia, revelando o futuro, conhecendo os interiores, e respondendo à Madre Anna de Santo Alberto ao mesmo tempo, em que ella lhe estava communicando por carta materias importantes do seu elevado espirito. Foy tão constante nos trabalhos, que padecce pela estabilidade da Reforma do Carmelo, que sendo prezo, e tratado muytas vezes com crueldade indigna de hum publico malfeytor, pois até para não ver as ruas, por onde era levado, lhe vendaraõ olhos, nunca se queyrou, nem proferio palavra, que não fosse hum efficaç argumento da sua constancia. Foy tão continuo no excellente exercicio da oração, que sempre orava, porque de tudo tirava motivos para louvar ao Creador; e tão arrebatado andava aquelle purissimo espirito na contemplação do Ceo, que ficava exta-

tico, e levantado da terra em ouvindo falar da gloria, e com mayor excessõ, quando se lhe falava em penas, e molestias, como se vio no Convento de Veas, aonde discorrendo com a veneravel Madre Anna de Jesus, e mandando ella a hum Religiosa, que repetisse alguma daquellas devotas poesias, com que santamente se recreavaõ nas Pascoas, em ouvindo o nome de penas, se commoveo de sorte, que causou reparo. Começoule a enternecer, e a elevar no que ouvira, e correndolhe suavemente as lagrimas pelos olhos, com ellas se lhe ateou de maneyra o amoroso incendio do coração, que, arrastado o corpo pela violencia do espirito, lançou hum das mãos à grade para dissimular o que sentia, e supprindo com a outra a falta das vozes, que já estavaõ impedidas, para fazer final à Religiosa, para que não continuasse, ficou suspenso, e extatico pelo espaço de hũa hora; e não era muyto que hum homem tão ablorito em Deos fosse instrumento dos infinitos milagres, que deveo toda a sorte de enfermos à sua grande intercessão. Foy tão abstinente, que causa horror a pouca, e má qualidade dos alimentos, com que se sustentava, porque mais pareciaõ inventados para introduzirem a morte, que para conservarem a vida, de que resultava terse atenuado de modo, que já não havia corpo para as penitencias, senão ossos descarnados, e leccos, mas ainda contra elles reduzidos a tão lastimoso estado pelejava cõ tanto vigor, que as disciplinas, sobre continuas, eraõ de sangue, e o cilicio era hum peyto espaldar de este composto de miudos nõs, com que cobria, e apeva mais hum cadea, de ferro, que para ser intoleravel, bastavaõ as penetrantes pontas, de que se via armada.

Exod. 34. 29. Appareceo Moysès coroadõ de resplandores, que procediaõ da familiaridade intima com Deos: *Ex consertio sermonis Dei*, e foy visto o corpo de Joã cercado de immensa

imnênla luz ; e adornada a cabeça com hum diadema de rayos. Mereceo glorificar-se Moysés na presença dos Potentados, e dos Grandes : *Glorificavit illum in conspectu regum*, e foy João summamente estimado da Santidade de Clemente VIII. e da Magestade de Filippe II. de Castella. Escreveo Moysés para doutrina de todo o mundo os cinco livros do Genesis, Exodo, Levitico, Numeros, e Deuteronomio ; escreveo João para oráculos da virtude outros cinco livros, as *Cartas*, e os *Avizos*, em que deo os documentos aos amantes da eternidade gloriosa ; a *Subida do monte Carmelo*, agora mais elevado pelos voos mysticos da sua penna ; a *Noyte escura*, cujas sombras são de tal modo relplandecentes para os corações espirituaes, que esta noyte he o meyo dia, e estas trevas são as mais claras, e intensas luzes : *Et nox illuminatio mea in deliciis meis* ; o *Cantico espiritual*, em que com a suavidade do metro se declaraõ os pensamentos da alma, communicando-se com seu divino Esposo ; e ultimamente a *Chamma do amor*, aonde deyxou retratado o quanto soube amar, e o grão supremo, a que pôde chegar neste mundo o amor ardentissimo de hum coração humano.

Porém se atègora vimos a igualdade, e a semelhança de João com Moysés, vede o excesso, que lhe fez. Não se reproduzio Moysés, e reproduzio-se João, apparecendo em Granada à veneravel Madre Anna de Jesu. Foy dotado de tão admiravel pureza, que não só a coroou com gloriosos triunfos, mas bastava fallar para fazer puros : pouco disse ; fazia este prodigio com a roupa do seu uso : pouco disse, mas agora direy o mais, e o mais portentoso ; communicava esta candida virtude só com a sua memoria, porque não era necessario mais, que lembrarem-se do seu nome, para ficarem castos os que se achavaõ combatidos. Todos ignoraõ o que succedeo

ao corpo de Moysès, porque està mysteriosamente occulto por ordem divina, mas sabemos que, resolvendo-se em cinzas o corpo de Joaõ, se conservaõ incorruptos os dedos, com que escrevia, e que de hum delles cortado correo copiosamente o sangue. Pois se Moysès sendo igual a Joaõ em algum dos seus milagres, e sendo em outros inferior a Joaõ, mereceo a gloria da Canonizaçãõ: *Ostendit illi gloriam suam*, porque estimou sobre tudo o padecer, e o ser desprezado: *Magis eligens affligi cum populo Dei*, com quanta mais justiça se elevou o nosso Santo à gloria da Canonizaçãõ, não querendo mais, que padecer, e ser desprezado por amor de Christo: *Pati, & contemni pro te?* He certo que não devia de ser de outro modo, porque para se admirar a grandeza das luzes do Carmelo, lhes daõ novos resplandores as luzes do Thabor, aonde vemos canonizado a Christo pelo desejo de padecer pelos homens: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem.*

Mas se os Santos sòmente servem para merecerem, e tudo, quanto padecem, he para conseguirem o premio da gloria; como diz a Christo S. Joaõ da Cruz que não quer, nem pertende outra satisfação dos seus tormentos, e dos seus trabalhos, senão a continuação desses mesmos trabalhos, e desses mesmos tormentos? Diga que quando a sua divina Magestade estiver satisfeyta, então receberà o premio no descanso do Paraíso. Porém não, não quer Joaõ, senão padecer, e ser desprezado: *Pati, & contemni pro te*, porque os servos do Senho de tal sorte estão alegres com os trabalhos, e com os tormentos, que nelles entendem que està fundada a sua mayor gloria. Falla S. Lucas daquelle homem, que fez hum grande banquete, para que tinha convidado diferentes pessoas. Desculpáraõ-se algumas com indignas repostas; e escandalizado o Pay de familias de tão grossa

seyra

sejra incivilidade mandou aos seus criados, que fossem aos lugares publicos da Cidade, e que a quantos pobres, enfermos, cegos, e aleijados encontrassem, os introduzissem para o seu banquete. Foy obedecido o Senhor, mas vendo que ainda faltava quem occupasse os lugares preparados, tornou a mandar os criados por partes mais distantes com ordem expressa, que os trouxessem por força: *Tunc iratus paterfamilias dixit servo suo: Exi cito in plateas, & vicos civitatis, & pauperes, ac debiles, & cæcos, & claudos introduc huc: & ait servus: Domine, factum est, ut imperasti, & adhuc locus est. Et ait Dominus servo: Exi in vias, & sepes: & compelle intrare.* He necessario dizer q os pobres daquelle tempo deviaõ de ser mais comedidos, q os do nosso! Pobres convidados a comer, e taõ remissos, que se lhe faz violencia para entrarem ao banquete? Sim, e reparay, qual era o banquete, e quaes eraõ os pobres, que se convidavaõ. Aquelle banquete era o da gloria, em que Christo ha de sentar os seus servos à sua mesa, servindo-os com aquellas delicias, que nem viraõ os olhos, nem ouviraõ os ouvidos, nem poderaõ penetrar os pensamentos dos homens: *Quod oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit, quæ preparavit Deus iis, qui diligunt illum, faciet illos discumbere, ministrabit illis.* Aquelles pobres eraõ os que neste mundo vivem atormentados, abatidos, e desprezados, porque com estas penas disposicoens se fazem benemeritos da eternidade; e taõ satisfeytos estaõ elles com esta gloria no mundo, que para a deyxarem pela outra, que naõ tem fim, naõ basta a ordem do Senhor, he necessaria a violencia: *Compelle intrare.*

Luc.
14. 24.

1. Cor.
2. 9.

Entre as muytas, e mysteriosas viloens, que teve o amado Evangelista no seu Apocalypse, se lhe representou huma, em que vio ao divino Cordeyro como sacri-

B iij

ficado,

Apoc.
13. 8.

ficado, e morto desde o principio do mundo: *Agni, qui occisus est ab origine mundi.* Pois se este Cordeyro he o Verbo, porque não faz memoria o Euangelista da gloria, que tem essencialmente como Deos, e só falla do muyto, que padeceo? E sendo assim, quem foy o tyranno, que se atreveo a dar aquelle golpe na infancia dos seculos? Quem foy o que teve resolução para derramar aquelle sangue tão innocente, como puro? Em que bosque se cortáraõ os troncos para a materia do fogo? Em que officina se forjáraõ os cravos, com que lhe tiráraõ a vida? Nenhum destes instrumentos, nenhuma destas acçoens foy necessaria para o sacrificio daquelle Cordeyro. Era Christo aquelle Cordeyro na representação de sacrificado, e morto no Sacramento, em que havia de deyxar a memoria de todos os tormentos, e de todos os desprezos padecidos no injurioso discurso da sua Payxaõ: *Recolitur memoria passionis ejus;* e era tão grande a gloria, que lhe resultava daquellas penas, que correspondia à grande gloria, que tinha como Deos. Por isso não fez menção o Euangelista da gloria, que tinha como Filho divino de hum Pay divino, porque justamente julgava que lhe era correspondente, e semelhante a gloria de padecer: *Agni, qui occisus est ab origine mundi, recolitur memoria passionis ejus.* Estava canonizado S. João da Cruz pelo muyto, que padeceo, e pelo muyto, que desejava padecer. Para satisfação da sua alma não queria mais gloria, do que aquella, que tinha fundada nas penas, e nas molestias; mas como para a edificação do mundo, e para premio accidental das suas virtudes era necessaria a Canonização da Igreja, por isso hoje o vemos illustrando novamente o monte Carmelo com as luzes, que lhe deo Christo, a quem canonizou no Thabor o ardente desejo de mais, e mais padecer: *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jerusalem.*

Mas

Mas se a Canonização de Christo no Thabor foy o maravilhoso exemplar da Canonização do nosso Santo no Carmelo, reparo agora que ha muyta differença entre hum, e outro acto, porque no Thabor declarou o Eterno Pay a santidade de seu Filho: *Et ecce vox de nube dicens*: estava Christo, que era o declarado por Santo: *Hic est filius meus dilectus*: assistia Moysès, e Elias: *Et ecce apparuerunt illis Moyses, & Elias*: estava Pedro, Santiago, e João como testemunhas daquella sagrada cerimonia: *Assumit Jesus Petrum, & Jacobum, & Joannem*, e houve as sombras da nuvem, que, ainda que luminosas, eraõ sombras: *Nubes lucida*, e na Canonização do nosso Santo não houve mais, que a voz do Pontifice, que depois de examinadas, e approvadas as suas virtudes, e os seus milagres deo a todo o mundo hum publico testemunho de que estava premiado na gloria com a vista eterna de Deos; e sendo assim, já se não parece a Canonização, que illustra o Carmelo, com a Canonização, que illustrou o Thabor.

Porém he engano, porque se attentamente o observarmos, veremos que todas as pessoas, que intervieraõ ao Thabor, intervieraõ tambem na Canonização de João. Esteve o Pay, a cuja suprema, e altissima Magestade he que pertence dar aos Santos as cadeyras da Bemaventurança: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo*. Esteve Christo como coroa, premio, e gloria dos seus servos, porque com o seu nome he que se fazem authores de obras admiraveis: *Sine me nihil potestis facere*. Esteve Moysès, como figura expressa de João; estava Elias como Pay, e Fundador da Religião, que professara, e que depois reformou. Esteve Pedro representando, como diz A Lapidè, a caridade ardente de João: *Petrus notat charitate ferventes*; esteve João representando na sua pureza a pureza do outro João: *Joannes* 17.

Matth.

20. 23.

Joan.

15. 5.

A Lap.

in Mat.

Joannes 17.

Joannes notat virgines, e esteve Santiago representando como primeyro Martyr do Apostolado aos que florecerão na virtude da paciencia, e aos que se laurearão vencedores com as palmas do martyrio: *Jacobus primus ex Apostolis martyr notat patientes, & martyres*. Assim o entendeo aquelle celeberrimo Expositor; mas eu digo q̃ esteve Pedro como Vigario de Christo, e nelle como seu legitimo luccessor a Santidade agora reynante de Benedicto XIII. que tambem em outro tempo teve o nome de Pedro, a cuja Pontificia authoridade he que pertence a Canonização dos Santos: *Assumit Petrum, tibi dabo claves regni celorum*. Esteve Santiago como primeyro Pregador da Fè do Crucificado nas Provincias de Hespanha, de cuja fulminante boca ouvida pelos primitivos Fieis, se veyo transfundindo de descendente em descendente até à pessoa de João: *Assumit Jacobum*. Esteve João o Evangelista, porque, ainda que se ignora, se tomou o nosso Santo este nome por nacer neste dia, he certo que no seu dia naceo para toda a Igreja, porque nelle foy canonizado: *Assumit Joannem*. As sombras finalmente da nuvem representavaõ as repetidas perseguiçoens, que padeceo João, tendo por premio da Reforma rigorosos carceres, pela emenda do escandalo, que dava hum grande, e poderoso, muyta affronta, e muyto golpe, porque, supposto que por entre todas estas sombras sempre resplandeciaõ as luzes das suas acçoens, nem por isso deyxavaõ de ser sombras, que no juizo do mundo as offuscavaõ: *Nubes lucida obumbravit*.

Naõ sey que possa ser mais propria a semelhança de huma Canonização com outra Canonização, porque naõ faltaraõ a huma as circumstancias da outra, pois tudo, o que se vio no Thabor, se està vendo no Carmelo; mas para que ainda se veja melhor esta felicissima proporção, reparay agora. Diz o Texto que depois de
encu-

encubertos os resplandores do Thabor com as sombras da nuvem, que depois de se ouvir a voz do Eterno Pay canonizando a Christo, e que depois de restituidos os Discipulos do grande susto, que estas circumstancias lhes causaraõ, não viraõ a ninguém, senão a Christo: *Levantes autem oculos suos neminem viderunt, nisi solum Jesum*. E como? Assistem a esta augustissima solemidade aquelles dous homens, que foraõ as colunas animadas das Leys natural, e escrita, e desapparecem? Se tiveraõ a felicidade de serem nomeados para esta grande acção, porque se retiraõ antes do fim? Porque como Christo era o canonizado, não devia de apparecer na sua presença outro algum Santo, ou por lhes não abater as suas virtudes com a grandeza da sua gloria, ou porque não entendesse o mundo que podia haver santidade, que se comparasse com a de Christo, quando o Eterno Pay lhe dava o nome de Filho. Admiravelmente ao intento o veneravel Beda: *Ubi capit Filius designari, mox servi discesserunt, ne ad illos paterna vox emissa videretur*. Vede, se succedeo o mesmo com S. João da Cruz. Não podia succeder formalmente o mesmo com S. João da Cruz, que succedeo com Christo, porque he certo que não ha santidade, que se compare com a sua, porque elle he a fonte, e a origem de todas aquellas virtudes, com cujo exercicio se fazem grandes os Santos, e por essa causa voltou Moysés para o Limbo, e foy levado Elias por hum Anjo para o mesmo lugar, de que o havia tirado. Mas vede, como no modo possivel teve S. João da Cruz esta gloriola singularidade.

Canonizou o Pontifice dia do amado Euangelista a S. Peregrino, a S. João da Cruz, e a S. Francisco Solano. Pergunto. E porque se não inverteo esta ordem? Porque occupa S. João da Cruz o lugar do meyo como primeiro, e mais principal? Seria acaso, ou seria mysterio?

Eu

Gen.
18. 2.

A Lap.
bic.

Mal. 3.
1.

A Lap.
bic.

Eu digo que foy mysterio, porque occupando S. João da Cruz o lugar do meyo, deo a entender o Summo Pontifice, que era tanta a grandeza das suas virtudes, que effaflamente se podiaõ ver, nem admirar as dos outros Santos, porque elle era o mayor, e o mais principal. Quando Abrahaõ assistia no Valle de Mambre, diz o sagrado Texto, que ao tempo, em que levantava os olhos, lhe apparecêraõ tres homens: *Cumque eleuasset oculos, apparuerunt ei tres viri.* Quem fossem estes tres homens, não assentaõ facilmente os Expositores, porẽm A Lapide entende que o que occupava o lugar do meyo, era muyto mais illustre, do que os outros, porque não era menos, do que hum Anjo da mais superior jerarquia; de sorte que elle era o que fazia entre todos a principal figura: *Unus trium, scilicet medius, cæteris apparebat illustrior, quia erat superior Angelus, unde ipse solus ferè hic loquitur.* Pois todos não eraõ da mesma natureza? Sim: *Tres viri.* Pois como se distingue tanto dos outros o do meyo, que parece que he só: *Solus?* Porque elle como Anjo de classe mais alta de tal modo excedia, e se aventajava aos outros, que em sua comparação pareciaõ muyto menores, e muyto inferiores: *Unus trium, scilicet medius, cæteris apparebat illustrior, quia erat superior Angelus, unde ipse solus ferè hic loquitur.*

E por ventura será este S. João da Cruz? Eu creyo que sim, se me não engano. Quem he o Anjo, senão João, como profetizou Malaquias: *Ecce ego mitto Angelum meum?* Era hum João o retrato fiel de outro João, porque, se o primeyro, como explica A Lapide, foy mandado por Deos para reduzir os homens a mais perfeyto modo de vida, esse foy o mais illustre trabalho do segundo João na introduccão da Reforma do Carmelo. Foy o primeyro João tão privilegiado, que sempre teve o uso da razão, não sentindo, nem padecendo os defcuydos

cuydos da natureza na infancia; começou no segundo João tão anticipadamente o fervor para com Deos, que parece se anticipou ao tempo. Foy o primeyro João tão abstinente, que mereceo se affirmasse delle, que não comera, nem bebera: *Venit enim Joannes neque manducans, neque bibens*, e foy o segundo João tão excellente nesta virtude, que causou admiração. Foy o primeyro João dotado de huma pureza angelica, e desta mesma prerogativa foy dotado o segundo João em grão altamente heroico. Foy o primeyro João tão contemplativo, que aprendeo no Ceo a constancia, a liberdade, o amor, o zelo, e a perfeição, e em todas estas excellencias foy tão consummado o segundo João, que bem mostrava ser morador do Ceo pelo elevado da contemplação. Foy tão feliz o primeyro João, que nunca peccou, porque foy confirmado em graça: *In charitate, suoque gradu persistit quasi confirmatus in gratia*, diz A Lapide, e o mesmo beneficio concedeo Christo ao segundo João. Foy o primeyro João aquelle, que à maneira dos Anjos superiores em ordem aos inferiores ensinou, e alumiou aos homens, e o segundo João fez o mesmo officio humas vezes como Prelado, outras como Mestre, ensinando aos homens o caminho mais seguro para o Ceo. Não teve João outro Mestre, senão o Espirito Santo, que lhe revelou, e descobrio os mysterios altissimos do Verbo feyto homem, e o segundo João teve tão profunda sciencia dos segredos da Bemaventurança, que só o Mestre divino lhos podia ensinar. Foy finalmente o primeyro João hum homem tão amante de Deos, que todo o seu estudo era abaterse, padecer, e ser desprezado por elle, como se argumenta daquellas palavras do mesmo João: *Illum oportet crescere, me autem minui*, e o segundo João só tratou em toda a sua vida de padecer, e ser desprezado por Christo: *Pati,*

Matth.
11. 18.

Joan.
3. 30.

Et contemni pro te. Pois se naquella Anjo adorado por Abrahão se representava João, quem duvida, que, assim como elle era o primeyro, e o mais principal: *Illustrior, quia erat superior Angelus*, tambem S. João da Cruz, occupando o lugar entre S. Peregrino, e S. Francilco Solano, era o mais illustre na santidade, e era de todos o mais principal: *Illustrior?* Eu me persuado, que ninguém o duvidará, sabendo que S. João da Cruz não desejava mais, que padecer, e ser desprezado por Christo, e bastava esta razão, para o fazer não só differente de todos, mas para o fazer de tal sorte o mayor, que não podia ter semelhante.

Job 2.
3.

Diz Deos, que em todo o mundo não havia homem como Job, porque não havia homem, que tivesse com elle semelhança: *Numquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra?* Notavel elogio, e tão notavel, que, se não fora proferido pela boca da eterna verdade, justamente se podia duvidar delle, como de hum grande encarecimento! Pois não ha em todo o mundo outro homem semelhante a Job? Bem conheço, que foy hum homem de merecimentos tão altos, que difficilmente haveria outro homem como elle; mas eu ley, que diz Adrichomio, que no tempo de Job florecêraõ em santidade os Patriarcas Jacob, e seu filho Joseph. Pois se qualquer destes dous Heroes era capaz de illustrar muytos seculos com os rayos das suas virtudes, e se eraõ venerados pela sua grandeza, como prodigios da terra, como se diz, que não ha em todo o mundo, quem seja semelhante a Job: *Quod non sit ei similis in terra?* Só o mesmo Job nos podia descobrir o fundamento da sua primazia sobre todos: *Et hac sit mihi consolatio, ut affligens me dolore, non parcat.* O que desejava Job, era que Deos despedisse sobre elle huma tempestade tão furiosa de trabalhos, que em todo o tempo tivesse que padecer pelo

Job 6.
10.

pelo seu amor; e foy tão admiravel este desejo na presença divina, que foy o seu premio elevar-se de modo, que excedeo a dous homens tão grandes, como foraõ Jacob, e Joseph. Grande foy Jacob pelos favores, que recebeo do Ceo, grande foy Joseph pela variedade da sua fortuna, em que sempre mostrou huma virtude heroica; sim, mas tudo foy menos, que o desejo de padecer, que atormentou o coração de Job: *Ut affligens me dolore, non parcat.* Pois suba, e eleve-se Job a hum ponto tão alto de grandeza, que ainda aquelles homens, que foraõ os milagres do mundo, não possaõ ter comparação com elle, porque a todos os excede, e a todos se avantajaja: *Quod non sit ei similis in terra.* Voltemos agora para o Vaticano. Vede a S. João da Cruz, acompanhando-o de hum lado S. Peregrino, e de outro S. Francisco Solano. E para que? Para se ver a grande differença, que faz a ambos o nosso Santo. Pareceo elle o Job Evangelico pelo muyto, que padecio, e assim como o Job da Idumea faz huma tal differença a Jacob, e a Joseph, que sem comparação os excedeo: *Non sit ei similis in terra,* tambem o Job de Hespanha se avantajou a Peregrino, e a Francisco Solano de forte, que como mayor, e mais illustre occupou o lugar do meyo para demonstração da sua grande differença. Era Peregrino huma figura de Jacob, que em perpetuas peregrinaçoens passou a vida. Era Francisco Solano huma imagem de Joseph, porque se este, deyxada a sua Patria, foy declarar ao Egypto os mysterios, e segredos, que aquella Monarquia ignorava, tambem Solano deyxando a Hespanha entrou nas Indias para revelar, e descobrir àquelles povos os mysterios da Fè, que ou ignoravaõ, ou não sabião com a devida distincão. E assim como Job excedeo tanto a Jacob, e a Joseph, que não apparecem à sua vista: *Quod non sit ei similis in terra,* tambem João excedeo de modo

do aos seus companheyros Peregrino, e Solano, que pelas virtuosas propriedades do seu nome foy entre elles o mayor, e o mais illustre: *Illustrior, quia Angelus.*

Gloriosa differença para João, pois sendo igual com os outros na honra da Canonização, tanto se distinguio pela grandeza das suas acçoens, que voou mais alto, do que os mais, felicidade, que deveo certamente ao seu nome, pois vemos que pela carroça da Magestade divina, que appareceo ao Profeta Ezequiel, tiravaõ aquelles quatro mysteriosos animaes, em que se figuravaõ os quatro Euangelistas; e sendo todos iguaes no officio, e no ministerio: *Unumquodque eorum*, a todos se elevava João pelo privilegio de Aguia: *Facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor.* Todos sabem, que aquelle augustissimo Sacramento entre todos os milagres de Christo he o mayor: *Miraculorum ab ipso factorum maximum.* He tão natural a duvida que se não pôde encobrir. Pois os mais Sacramentos da Igreja não foraõ instituidos pelo mesmo Author da Eucaristia? Sim: logo como se distingue de tal sorte dos mais, que he o mayor: *Maximum?* Porque ainda que todos convem na linha de Sacramentos, e todos são instituidos pelo mesmo Christo, com tudo o Sacramento da Eucaristia he huma dolorosa memoria do muyto, que padeceo não só na realidade, se não tambem no desejo; na realidade: *Recolitur memoria passionis ejus;* no desejo: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum, antequam patiar;* e Sacramento, em que se conservaõ as penas, os trabalhos, e os desprezos, convirá com os outros Sacramentos na razão de Sacramento, mas de tal modo os ha de exceder, que entre todos será o mayor: *Miraculorum ab ipso factorum maximum.* Convinha S. João da Cruz na razão de Santo com Peregrino, e com Solano, e por isso se vio elevado com elles à gloria da Canonização, mas para mostrar o Vigario

Ezech.
1.9.10.

Luc.
22.15.

gario de Christo, que João fazia differença na qualidade das virtudes aos seus gloriosos companheyros, lhe deu o melhor lugar, como dizendo, e declarando, que de todos elle era o mayor, e era o Principe.

Assim o devia de fazer Benedicto, attendendo ao que fizera Christo com aquelle Principe, de quem he legitimo, e verdadeyro successor, porque, quando lhe ordenou, que pagasse o tributo aos Ministros de Cesar, lhe disse, que o pagasse por si, e por elle: *Da eis pro me, & te*, como quem conhecia que, ainda que Pedro era Apostolo, como os outros, era tanta a sua excellencia, que se separava, e distinguia dos mais, e que posto na ordem de todos, elle era o mayor pela sua grandeza: *Da eis pro me, & te*. Deste modo se acabará de conhecer a portentosa differença, que fez S. João da Cruz aos outros Santos, com que foy canonizado, porque assim como no dia da Canonização de Christo no Thabor desapparecêraõ da sua divina presença Moyses, e Elias: *Mox servi discesserunt*, tambem para gloria do Carmelo quiz mostrar o Romano Pontifice, que S. João da Cruz excedia tanto as virtudes de Peregrino, e de Solano, que lhe dava no dia do seu triumpho, qual he o da Canonização, o lugar do meyo como mais principal, para que com a devida proporção se visse, que era mayor João no Carmelo, do que os outros Santos, como era Christo no Thabor: *Levantes autem oculos suos neminem viderunt, nisi solum Jesum*. Com razão fez esta merecida distincção o prudentissimo Vigario de Christo, porque attendeo aos grandes merecimentos de hum servo tão vigilante, como João. Grandes servos foraõ Peregrino, e Solano; grandes foraõ as virtudes, que os fizeraõ dignos de serem declarados por Santos, mas João mereceo mais, do que todos, porque trabalhou mais, do que todos. Trabalháraõ todos os Apostolos

Matth.
17. 26.

C

em

1. Cor.

15. 10.

Epiſt.

ad Pau-
lin.

em obſequio da fé, como ſabemos, e com tudo eu ou-
ço a S. Paulo dizer aos Corinthios, que excedera a to-
dos os Apoſtolos nas miſſões Euangelicas: *Abundan-*
tius illis omnibus laboravi, porque ſó elle padecia juntas
todas aquellas moleſtias, que os mais padecerão ſepara-
das, e divididas. Sim, mas por eſſa cauſa affirmou S.
Jeronymo, que alcançara o primeyro lugar entre todos
os Diſcipulos do Redemptor: *Primus in meritis eſt*, e
porque nos merecimentos de Paulo aprendeo João a
ſer grande, fez a Peregrino, e a Solano huma tal diffe-
rença, que mereceo como mais illuſtre o melhor lugar
entre ambos: *Illuſtrior*.

Porém demos outra razão, e deſcubramos novo fun-
damento deſta ſingularidade de João. Eu creyo, que ſe
distinguo tanto de Peregrino, e de Solano, porque elles
praticarão com ſumma perfeição os ſagrados Eſtatutos
das Religioens, de que foram profeſſores ſantiſſimos, e
João não ſatisfeito com a obſervancia da Regra mitiga-
da do Carmelo, entrou na reſolução de a reduzir ao
ſeu primitivo rigor. Para eſte fim foy animado com as
vozes, e com os exemplos daquelle Serafim humano, a
glorioſa Madre Santa Tereſa, cujo valor atropellou as
infinitas difficuldades, que ſe lhe oppozerão, e cuja
dilcrição converteo em amor, o que era odio. Eſta foy
a cauſa de padecer João, como deſejava, e pedia: *Pati,*
& contemni pro te, trabalhos, e moleſtias tão exceſſi-
vas, que parece, que não bastava a conſtancia de muy-
tos homens para as ſofrerem com paciencia. Eſta foy a
cauſa de rigorosas prizoens toleradas com reſignação
tão admiravel, que o ſeu ſofrimento foy muytas vezes
a confusão daquelles meſmos, que cruelmente o per-
turbavao. Já me não admiro, que padecesse tanto, por-
que vejo, que toda eſta tempeſtade tem a ſua origem na
Reforma do Carmelo, porque, ſe fora Fundador, ſeria
menos,

menos, mas sendo Reformador, he certo que havia de illustrar o mundo com mayores argumentos de valor, e com mais actos de heroica paciencia. Fundar sim he muyto, porque he estabelecer o que não ha; mas he muyto mais o reformar, porque he restituir ao elplendor antigo, o que pelos accidentes do tempo està quasi sem fôrma, nem figura: e como S. João da Cruz executou felizmente o pensamento de reduzir o Carmelo à pureza originaria do seu fervor, era sem duvida, que havia de padecer mayores trabalhos, do que se lhe dera a primeyra fôrma, e a primeyra instituiçãõ.

Reparay em Deos creando, e reformando o mundo, e conhecereis a verdade desta proposiçãõ. Creou Deos toda esta fermosa maquina do mundo sem mais trabalho, que huma palavra, faça-se *Fiat*. Foy tão poderosa esta palavra, que fez resplandecer os Astros no Firmamento, correr as aguas, voar as aves, produzir a terra, e coroarem-se as arvores de todo o genero de frutos. Foy crescendo o mundo, sabio da infancia, entrou na adolescencia, passou à idade madura, e chegou a ser tão decrepito, e tão caduco, que para o reformar foy necessario, que o mesmo Deos se fizesse homem. Parte desta reforma foy a Transfiguraçãõ no Thabor, mas reparo que viessem a fallar com Christo Moysés, e Elias: *Et ecce apparuerunt eis Moyses, & Elias cum eo loquentes*. Se perguntarmos qual era a materia, sobre que discorriaõ, diz a Lapidẽ, que deraõ graças a Christo, como a Redemptor insigne da geraçãõ humana, e que, ponderados os excellentes frutos da sua morte, o animaraõ, para que bebesse valerosamente o durissimo calis da sua Payxaõ: *Gratias egerunt Domino tamquam insigni generis humani Redemptori, & propositis eximiiis fructibus* *Alap. hic.* *Dominum ad sumendum suæ passionis calicem, animarunt.* Taõ grande he o tormento, que padece Christo em res-

gatar do cativayro da culpa ao genero humano , que he necessario que venhaõ a animallo Moysès , e Elias ? Sim , que ella he a grande differença , que vay de crear a reformar. Para crear a todo o mundo com tão portentosas especies de creaturas bastou huma só palavra *Fiat* , porque he tanta a sua actividade , que ainda que creasse mundos infinitos , nunca chegariaõ a exhaurir a grandeza do seu poder ; mas reformar esse mesmo mundo he tanto mais penoso , do que creallo , que foy necessario para a sua reformação , o que foy elcufado para a sua creação. Por isso vieraõ Moysès , e Elias a animarem a Christo , quando tratava da reforma do mundo , como dando soccorro , aonde era mayor o perigo , e como animando as forças para vencerem hum trabalho excessivamente mayor : *Et ecce apparuerunt eis Moyses , & Elias , ad summendum suæ passionis calicem animarunt.* Pois se Christo mostrou tão grande differença na reforma do mundo , como dizendonos quanto he mais custoso o reformar , do que o crear , bem se vê o quanto padeceria João na Reforma do Carmelo , em que experimentou huma geral contradicção dos proprios , e dos alheys. Sò hum homem tão sagradamente privilegiado , como elle , poderia começar , e dar fim a huma empreza tão ardua , que , como nos diz a fé constante das historias , parecia impossivel , que lhe dèsse complemento hum puro homem , qual era João. Sò huma virtude tão heroica se poderia coroar vencedora de tão repetidas difficuldades.

Mas se he verdade o que eu imagino , só João podia alcançar tão illustre victoria , porque só elle teve mercimentos para felicidade tão alta. Veyo o Verbo ao mundo para introduzir a reforma , de que necessitavaõ as inveteradas culpas dos homens. Contrapoem S. Paulo à culpa antiga a nova graça , e diz que a primeyra causa

do dano, que foy Adão, como era homem formado de terra, era terreno, e que o segundo homem, como era do Ceo, era celeste: *Primus homo de terra, terrenus, secundus homo de Cælo, cælestis.* A huma ruina tão grave, e naturalmente ameaçada pela carreya de tantos seculos, só lhe podia dar o remedio hum homem celeste, qual era Christo, a quem S. Paulo deo este nome, porque, como disserão Tertuliano, e Beda, sempre viveo hũa vida mais propria do Ceo, do que da terra, e porque sempre foy impeccavel por beneficio da graça, que nelle habitava. Quem não dirá, que fellou S. Paulo quasi profeticamente de S. João da Cruz? Introduziraõ os homens alguns descuydos na severa observancia da Regra de Elias, porque eraõ homens, e porque o grande numero de annos com a sua continuada torrente sempre costuma levar comfigo a porção mais estimavel daquelle sagrado fervor, com que na santidade das suas origens florecem apostolicamente as Religioens. Eraõ estes, como filhos de Adão, homens de terra, logeytos às culpas, e payxoens da natureza infecta, e delinquente: *De terra terrenus*: mas como era preciso que se renovasse aquelle antigo esplendor, e que resuscitasse novamente aquelle ardentissimo zelo de Elias, hum pouco tibio pelo dilatado discurso de tanto tempo, mandou Deos ao mundo a S. João da Cruz com as condiçoens de hum homem celeste, como le vio na innocencia da sua vida, e no incomparavel favor, que lhe concedeo, de o confirmar na graça, para que nunca a perdesse pela sombra do mais leve delicto: *De cælo cælestis.* Como homem celeste se dispoz a huma empreza, que só hum peyto sobrenaturalmente animado a podia concluir, se repararmos nas contradicoens, e tempestades, que contra a santidade do seu intento verdadeyramente apostolico se levantaraõ.

Apud
à Lap.
hic.

1. Cor.
15. 47.

Uniraõ-se para esta santissima resoluçaõ os dous Planetas maximos do Firmamento Carmelitano, quæes forão Joaõ, e Teresa; Teresa foy a Lua, Joaõ foy o Sol. Quem podera agora fazer mençaõ dos eclyples, com que em repetidas opposicoens se pertenderaõ effuscar taõ activos resplandores? Parece incrivel a formidavel tormenta, que contra esta santa Reforma se levantou; mas como a obra era de Deos, tudo servio para mayor gloria de Joaõ, e de Teresa, porque tendo nos seus appellidos os trabalhos, tambem tinhaõ nelles o premio. Na Cruz tinha Joaõ os trabalhos, sim, mas tambem tinha o premio. Era a Cruz o instrumento das penas: *Dicebant excessum ejus, id est, Crucem ejus*, mas essa Cruz era a causa da sua felicidade: *Hæc oportuit pati, & ita intrare in gloriam*. Era Jesus o sagrado appellido de Teresa, e sendo este o nome daquella Pessoa divina, que veyo ao mundo para derramar o sangue, e sacrificar a vida pela reforma dos peccadores: *Ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum*, nesse mesmo nome, diz S. Paulo, se fundou a mayor exaltaçaõ da sua gloria: *Videmus Jesum propter passionem gloria, & honore coronatum*. Começaraõ a discorrer por toda Hespanha estes dous Planetas com tantas maravilhas, como luzes de exemplos. Naõ saõ mais illustres as casas, por onde discorre o Sol, do que o saõ aquellas, em que habitaraõ estes dous Anjos em carne mortal. Naõ he mayor a copia de rayos, com que aquelles dous Planetas illustraõ o mundo, do que forão os milagres, que Joaõ, e Teresa fizeraõ em beneficio dos seus devotos. Veyo Joaõ a Portugal, e deo a ver neste Reyno a grandeza das suas virtudes, e com ellas o espirito de profecia, de que era dotado, quando pronosticou a pouca duraçaõ de huma santidade fingida, que era naquelle tempo todo o respeyto desta piedosa Monarquia, como depois o con-

o confirmou o successo com universal delengano. Não pode seguir-lhe os passos a Lua de Teresa, mas bastou que depois de gloriosa viesse a sua mão a desempenhar o que não permittio o Ceo, que satisfizesse viva. Com meyo Frade, como ella dizia, attendendo à brevidade da sua estatura, deo fim aquella discretissima, prudentissima, e valerosissima Virgem a hum obra tão grande, como a Reforma do Carmelo, e o que se faz digno de mayor admiracão he, que a conseguiu com estabilidade eterna.

Mas o que reparo he que cedesse João toda a gloria desta acção nunca bastantemente louvada, nem encarecida à grande Madre Santa Teresa de Jesus. E que razão haveria, para que seguisse João os conselhos de Teresa, e não seguisse Teresa as vozes de João? Se ambos estavam na resolução de reformar o Carmelo, e para este fim deyxavam ambos a sua Regra mitigada, como he Teresa, e não João, a cabeça desta nova Familia? Porque não praticaram o mesmo, que Francisco, e Clara, tendo aquelle o governo dos filhos, e tendo esta o governo das filhas? Tudo ha de ser de Teresa? Se podia ser João a gloriosa cabeça dos Reformados, para que segue como filho, quando podia mandar como pay? Porque este foy hum acto da profundissima humildade de S. João da Cruz, com que quiz cooperar para tudo, o que fosse trabalho, pena, molestia, e tormento: *Pati, & contemni*, e com que quiz deyxar para Teresa tudo, o que era gloria, tudo, o que era grandeza. Ouvime agora. Para se destruir o poder formidavel de Sifara, mandou chamar Debbora a Barac. Duvidava elle entrar no evidente perigo de hum arriscada batalha, se não fosse animado com a companhia daquella valerosa matrona; porèm ella lhe respondeo, que não tinha difficuldade de o acompanhar na empresa, mas que advertisse, que

que aquella vitória não se havia de alcançar pelo seu valor, se não pela animosa resolução de humia mulher:
Jud. 4. Ibo quidem tecum, sed in hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manus mulieris tradetur Sisara. Nesta batalha podemos entender todos aquelles perigos, e trabalhos, que se passárao na conclusão arriscadissima da Reforma. Parecia justo, que precedesse João, mas como estava decretado, que fosse Teresa a que levantasse o trofeo, a ella, e não a João se lhe havia de attribuir a vitória, porque neste triunfo se eternizou o seu nome, e o seu nome ainda havia de fazer mais claro este glorioso triunfo: *In manu mulieris, non tibi.*

Era Debbora humia figura bem natural da grande Teresa, e della diz o Doutor Maximo, que se interpreta Abelha, que se alimenta com as flores das Escrituras, que se anima com a suavidade do Espirito Santo, e que destilla com vozes profeticas os suavissimos frutos do Paraiso: *Apis nomen accepit, Scripturarum floribus pasta, Spiritus Sancti odore perfusa, & dulces Ambrosiae succos prophetali ore componens.* Vede, se estas qualidades são proprias de Teresa, em cujos admiraveis escritos se estão vendo as intelligencias mysticas das Escrituras, animadas com o celeste fogo do Espirito Santo, e de cuja pena está manando a mais discreta suavidade? Era Debbora aquella matrona illustrissima, que, como se lê no Hebreo, he o mesmo que Mulher de luzes, e de replandores: *Mulier lampadum, seu splendorum*; e quem não dirá, que he imagem de Teresa pelas luzes celestes, de que foy dotada? Vivia Debbora debaixo de humia palma entre Ramà, e Bethel: *Et sedebat sub palma inter Rama, & Bethel.* Viveo, e ainda hoje vive Teresa gloriosamente triunfante com as palmas, que alcançou pela vitória da Reforma do Carmelo, e com grande mysterio vivia entre Ramà, e Bethel, que significa Exaltada, e Casa

é Casa de Deos, porque Terela se vio exaltada pelas suas virtudes sobre o candido Coro de todas as Virgens, e pareceo a Casa de Deos, porque o seu coração foy tão sobrenaturalmente abundante de graças celestes, que nelle habitava o Senhor das virtudes. Era Barac humma figura de S. João da Cruz, porque, se elle, como diz Ruperto, he o mesmo, que luz de relampago, que allumiou a todo o povo com os merecimentos, e prerogativas das suas obras: *Barac idem est, ac fulgur, quasi fulgur splendebat in populo meritis scilicet, & prerogativis operum*, João foy aquelle homem, que não cessou em tempo algum de allumiar aos homens com os prodigiosos rayos da sua doutrina, e dos seus exemplos, que foram tantos, e tão grandes, que era pequeno todo hum mundo para lhe servirem de theatro. Mas o que merece mayor admiracão são as palavras de Debbora, ou de Teresa fallando com Barac, figura de João, quando lhe disse, que fosse com o exercito para o monte Thabor: *Vade, & duc exercitum in montem Thabor*. Mysteriosas palavras, porque nellas se vê, que depois de João ter governado felizmente aquelle humilde exercito dos Reformados do Carmelo, havia de receber o premio dos seus trabalhos no monte Thabor, de cujas sagradas luzes recebeo hoje o monte Carmelo tão gloriosa illustracão, que appareceo nelle canonizado João com as mesmas circumstancias, com que para seu exemplar foy canonizado Christo entre os relplandores do Thabor: *Lucernæ ardentes*.

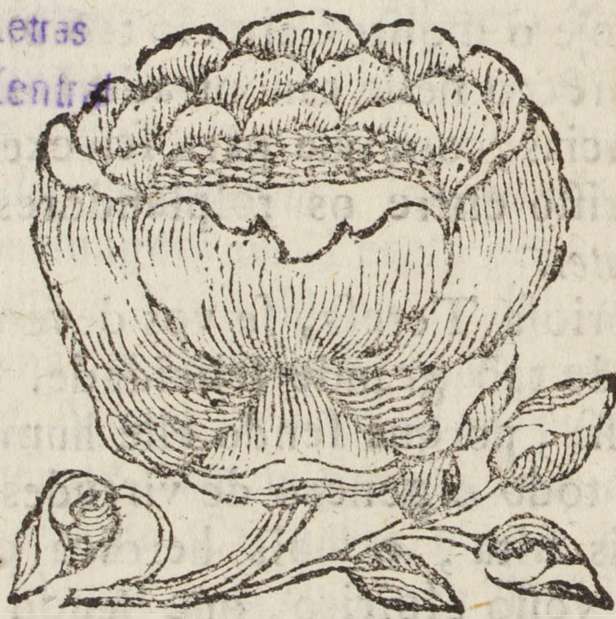
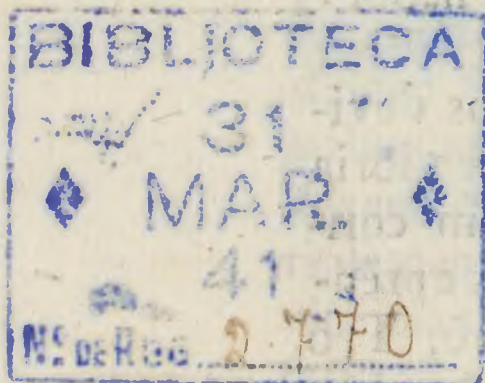
A vós, gloriosa Teresa, se vos devem dar os devidos parabens de tão grande felicidade. Toda a gloria de João he vossa, porque sendo elle hum homem consummado em todo o genero de virtudes, de vós aprendeo a sua mais alta, e mais heroica perfeycão. Tão grande foy o vosso espirito, que sendo hum assombro da

da Christandade, ainda teve tanto, que dar, que pode fazer hum Santo tão grande, como foy João, que pelas suas virtudes animadas com o vosso exemplo chegou à gloria da Canonização, que he o ultimo termo da felicidade. A vós se vos devem dar os parabens de tantas filhas, que sendo todas herdeyras do abrazado zelo do vosso purissimo coração, mais particularmente o herdarão aquellas illustrissimas almas, Anna de Santo Agostinho, Anna de Jesus, Anna de S. Bartholomeu, Felicianna de S. Joseph, Jeronyma de Santo Estevão, Isabel de S. Domingos, Catharina de Christo, e Francisca do Santissimo Sacramento, que sendo todas reflexos das vossas luzes, forão tão superiormente dotadas pelo divino Esposo, que se podem equivocar com os vossos resplandores. E vós, João, a quem veneramos elevado à gloria da Canonização justamente devida aos vossos trabalhos, e às vossas virtudes, là desse Ceo, em que reynais, alcançay de Deos para todos os vossos devotos huma fiel imitação das vossas acçoens, huma vida empregada no obsequio divino, e hum premio sem fim na eternidade da gloria. Amen.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



ode
las
u à
eli-
tas
do
dà-
sti-
ia-
de
do
las
vi-
ef-
à
ra-
y-
os
n-
na

225